



MATERNIDADE ENTRE CULTURAS EM AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE, DE BUCHI EMECHETA*

MOTHERHOOD IN-BETWEEN CULTURES
IN THE JOYS OF MOTHERHOOD,
BY BUCHI EMECHETA

Tiago Silva¹

Resumo: Em *Feminism with a small f* (1988), Buchi Emecheta aponta para um fenômeno interessante: o trânsito, o movimento entre/através de culturas. De uma pequena comunidade rural Ibo para uma Lagos Iorubá, fortemente modelada por valores coloniais britânicos, a protagonista do romance *As Alegrias da Maternidade*, Nnu-Egu tem roubada de si a rede de apoio, construída na e através da estruturação poligâmica de sua cultura original. Como resultado desse deslocamento, a personagem é reposicionada numa rede simbólica capitalista, machista e individualista, que a impede de existir de forma confortável no mundo. Seu deslocamento culmina, assim, em sua transformação, de anafêmea, no primeiro contexto, cujo corpo é regido por normas culturais pré-coloniais, como define Oyèrónké Oyéwùmí (1997), em mulher, cujo corpo é atravessado pela lógica colonial capitalista. Seu movimento afeta, sobretudo, sua maternidade, vivida enquanto condição indispensável à existência.

Palavras-chave: Literatura Anglófona Contemporânea. Gênero. Colonialidades.

Abstract: In “*Feminism with a small f*” (1988), Buchi Emecheta points out an interesting phenomenon: the transit, the movement between and through cultures. On the one hand, from a small rural Ibo community to Yoruba Lagos, strongly influenced by British colonial values, the protagonist of the novel *The Joys of Motherhood* [1979], Nnu-Egu, deprives herself of the support network ingrained in and built through the polygamous structure of her original culture. On the second hand, she is thrust into a capitalist, sexist, and individualist symbolic network that prevents her from existing comfortably in the world. Her displacement culminates in a transformation from, in the first context, an “anafemale” whose body is governed by pre-colonial cultural norms as defined by Oyèrónké Oyéwùmí (1997), into a “woman” whose body is influenced by a capitalist colonial logic, which affects, above all, her experience of motherhood.

Keywords: Contemporary Anglophone Literature. Gender. Colonialities.

¹ Professor de Língua e Literaturas de Língua Inglesa no Instituto de Letras da UFBA. Doutor em Letras pela UFPE (2018) com estágio pós-doutoral em Letras pela UFS (2021). Pesquisador vinculado ao GELCCO, REBRALLI e ERAS. E-mail: tiago.bs@ufba.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0615-9357>.

* Artigo recebido em 30 de novembro. Aceito para publicação em 27 de dezembro de 2023.

Introdução

Em *As alegrias da maternidade*, a escritora nigeriana Buchi Emecheta narra as desventuras de Nnu Ego, filha de um famoso líder Ibo, dada em casamento, pela segunda vez consecutiva, a um homem desconhecido. Moldada para ser mãe, o que a tornaria uma mulher completa, Nnu Ego sobrevive espremida entre culturas; a cultura Ibo – tradicional da região de Iboza, onde encontra suas raízes –, a cultura Iorubá, da região de Lagos, onde vai viver quando se casa com Nnaife, e a cultura ocidental, imposta através de um processo de colonização, que avançava no território da atual Nigéria, modificando práticas e costumes locais. Nesse espaço intersticial, entre epistemes e cosmovisões distintas, em contínuo processo de fusão e transformação, a personagem tenta encontrar formas de adaptação que lhe garantam, ao mesmo tempo, a possibilidade de sobreviver e de criar e educar seus filhos. Movida por crenças de sua cultura, potencializadas pela colonialidade encontrada em Lagos, essas duas coisas – sobrevivência e maternidade, no entanto, se confundem; existir e ser mãe, para a personagem, são experiências indissociáveis. Essa percepção da maternidade como condição *sine qua non* para sua existência fica evidente no romance, sobretudo na reação da personagem à descoberta de que seu primeiro filho morreu, com poucos dias de vida.

Neste trabalho, através da obra literária e ensaística da escritora em destaque, bem como do pensamento de Oyèrónké Oyéwùmí e Roland Walter, pretende-se abordar como as desventuras da maternidade são, no contexto da obra literária, também resultantes de um estar entre culturas, lugares, práticas e representações atravessadas pelo poder da colonialidade (QUIJANO, 2005). Para tanto, no primeiro momento, em *A vida da mãe no começo*: maternidade compulsória e desconexão de si, vamos observar as dinâmicas de gênero presentes na obra, enfatizando a transformação da personagem de anafênea em mulher, bem como a imposição da maternidade como condição para sua realização pessoal. Posteriormente, em *A mãe da mãe*: economias de gêneros em Iboza e Lagos, verificaremos como, já como mãe e num novo contexto cultural, a experiência de Nnu Ego se complexifica; sem outros recursos identitários além do papel mãe, a personagem **é submetida a uma** maternidade radical, que retira de si as relações com as outras pessoas, com seu corpo e com sua própria existência.

A vida da mãe no começo: maternidade compulsória e desconexão de si

Depois de descobrir que seu filho havia morrido no parto, tomada de angústia e dor, sem outras identificações além da maternidade, Nnu Ego corre enlouquecidamente nas ruas de Lagos, uma cidade que crescia depressa e que, em breve, se tornaria a capital de um novo país, a Nigéria; sem palavras, disforme, sem

conseguir dar outro sentido à vida, ela se desespera, dispara em direção à ponte Carter, onde se suicidaria:

Nnu Ego recuou e saiu do quarto, os olhos perdidos e vidrados, contemplando o vazio. Seus pés estavam leves e ela avançava como se estivesse em transe, sem dar-se conta de que usava aqueles pés. Foi de encontro à porta, afastou-se dela e cruzou a varanda, avançou para a grama verde que fazia parte do alojamento dos empregados. A grama estava úmida de orvalho sob seus pés descalços. Seu corpo inteiro sentia a névoa fina do ar, e parte dela percebeu quando roçou a roupa lavada do patrão branco pendurada no varal. Isso a fez girar o corpo num safanão, como um cãozinho ao esticar completamente a corda. Agora estava voltada para a estrada, tendo decidido usar os olhos, a parte da frente e não mais a de trás. Correu, os pés ainda mais leves, como se os olhos, agora que os usava, lhe dessem uma leveza especial. Correu, passou pelo bangalô do patrão, passou pelo jardim lateral e disparou pela estrada de saibro, sem asfalto; seus sentidos ficaram temporariamente ofuscados pela cor da estrada, que parecia de sangue aguado. Foi em frente até depois dessa estrada curta que levava à grande, asfaltada; correu como se a perseguissem, olhando para trás uma única vez, para ter certeza de que não estava sendo seguida. Correu como se nunca mais fosse parar (Emecheta, 2018, n.p).

A saída da personagem do quarto, de sua casa, portanto, simbolicamente aponta para uma saída de si, indiciando que esse movimento é também um movimento de contato com uma realidade distinta, imprevista, de encontro de sua individualidade com conexões pungentes, que a colocam em uma rede nevrálgica e complexa com uma materialidade hostil na qual a maternidade lhe é interdita. Nnu Ego cruza portas, atravessa lugares, toca de leve a roupa do patrão branco, encenando assim um movimento de contato com uma ordem que lhe subjuga. O lugar era o bairro residencial de Yabá, em 1934, no período da colonização britânica; um bairro feito por britânicos para britânicos, embora outras pessoas vivessem ali: africanos, como o marido da personagem, enquanto empregados domésticos, e alguns estrangeiros negros, funcionários em cargos pouco importantes. Esse lugar ocupado pela personagem e metaforizado nessa passagem, a partir de Roland Walter (2003, p. 27, tradução própria), pode ser descrito como um entre-lugar, um não-lugar heterotópico,

onde elementos de diversas culturas flutuam, encontram-se, colidem, tocam-se, entrelaçam-se e/ ou se perdem um no outro. Como se separados e simultaneamente ligados por um espelho, esses elementos refletem e refratam um sobre o outro sem necessariamente encontrar um lugar-como-casa definitivo dentro ou através do outro².

² where elements from diverse cultures float, meet, clash, touch, interweave and / or miss each other. As if separated and simultaneously linked by a mirror, these elements reflect and refract upon each other without necessarily finding a definite place-as-home within or through the other.

Através da saída de casa e da entrada nesse interstício, Emecheta nos mostra simbolicamente que, como o próprio espaço que habita, a personagem está em ebulição, em vertigem identitária, na ausência de um refúgio. Ademais, na descrição do embate da personagem com a dor de ter perdido um filho, a narradora usa palavras, já citadas acima, que revelam seu descompasso também com o próprio corpo; “avançava como se estivesse em transe”, com seus sentidos “temporariamente ofuscados”, portanto em uma outra esfera de experiência, “sem dar-se conta de que usava aqueles pés”, sem se sentir. Desconectada de si e do lugar onde se encontrava, Nnu Ego é salva por um conterrâneo. Sua vida se desenrola diante de si, como numa experiência de quase morte, revelando que a obra narrativiza a história de uma sobrevivente, quase afogada pelas opressões de gênero e colonialidade, espremida entre culturas e modos de entender o mundo.

No terceiro capítulo, *A vida da mãe no começo*, que aborda experiências fundacionais de Nnu Ego, Emecheta nos mostra como a ideia de maternidade compulsória é introjetada na personagem. Em interações com homens de sua comunidade originária, ela aprende que, para ela, não havia outro caminho senão o casamento e a maternidade:

“Aquele que ruge como um leão”.

“Meus filhos, quando vocês crescerem, serão todos reis entre os homens”.

“Aquele que ruge como um leão”.

“Minhas filhas, quando vocês crescerem, todas embalarão os filhos de seus filhos”.

Nnu Ego, que estava ajoelhada enchendo o cachimbo da noite para o pai, ergueu os olhos e sorriu para ele. “Seu amigo Obi Idayi está chegando, pai. Lá fora, ouço as pessoas saudando o nome dele”.

“Também estou ouvindo. Pelo número de vozes, parece que há muita gente lá fora, Nnu Ego”.

“É mesmo, pai, todos vêm brincar em nosso alojamento”.

“Pelas vozes, quase todos rapazes...”.

Ela sorriu de novo, tímida. “Eu sei, pai”.

Idayi entrou. “Meu amigo Agbadi, você precisa fazer alguma coisa com essa sua filha”.

“Aquele que ruge como um leão”, disse Nnu Ego, cumprimentando.

“Você viverá para embalar os filhos de seus filhos, filha de Agbadi e Ona.

Vá, filha, e traga a melhor bebida de seu pai; e, aqui, encha meu cachimbo, também”.

“Sim, pai”.

“Ouça, Agbadi, na parte de fora de seu alojamento parece haver algum tipo de conagração. Permita que alguém se case com essa menina. Faz muito tempo que ela ultrapassou a idade da puberdade. Você não vai querer ser um segundo Obi Umunna, vai?”. (Emecheta, 2018, n.p).

A indagação de Obi Idayi, no final do trecho citado, nos mostra, com perfeição, como a personagem foi moldada para o casamento e para ter filhos. Na cultura Ibo, segundo Izuchukwu Kizito Okoli (2022, p. 75, tradução própria), em seu artigo *The Umunna Ontology in Igbo Worldview and Its Dwindling Fortune in Recent Times*: “*umunna* que se traduz literalmente como ‘membro’ é um grupo de pessoas que descendem de uma linhagem do mesmo pai, mas não da mesma mãe. Umunna é usado, portanto, para expressar uma relação mais distante com o clã, que é normalmente da parte paterna – ‘nna’, da família.”³ Em outras palavras, quando Obi Idayi pergunta: “Você não vai querer ser um segundo Obi Umunna, vai?”, na passagem já referenciada, ele implicitamente antecipa o que pode acontecer com a protagonista caso não se case – pode se tornar uma parente distante, não considerada no grupo em que vive. Aliada as preleções do pai no começo do trecho supracitado, esse fragmento nos revela ‘o destino’ de Nnu Ego; ser esposa e mãe, cuja única função é cuidar dos filhos e dos netos. O que é surpreendente, no entanto, é que, mesmo abraçando as imposições de gênero localmente estabelecidas, Nnu Ego é transformada nessa pessoa distante, de si e de seu grupo familiar e cultural. Talvez por vivenciar aquilo que Emecheta (1988, p. 175, tradução própria), em *Feminism with a small f!*, apresenta como sendo temas de sua escrita:

Escrevo sobre mulheres que se esforçam muito para manter a família unida até que isso se torna absolutamente impossível. Não tenho simpatia por uma mulher que abandona seus filhos, nem tenho simpatia por uma mulher que insiste em permanecer casada com um homem bruto, simplesmente para ser respeitável⁴.

As interações apresentadas anteriormente nos mostram que a personagem experimentou um contato com a violência simbólica, que adentra a materialidade de seu corpo e de suas relações sociais, fazendo-a crer que a felicidade e a completude só podem ser alcançadas, pelas mulheres, através da experiência do casamento e da maternidade, isso é o que sugere Danielle Bordignon (2022), em seu trabalho de dissertação de mestrado *A imposição da maternidade como violência em The Joys of Motherhood, de Buchi Emecheta*. Sendo assim, seu apego à ideia de maternidade é fruto, não de um desejo, mas da imposição de uma função social pelo grupo ao qual pertencia. Para mim, além da maternidade compulsória, Nnu Ego vive a maternidade também enquanto mãe solo, já que, mesmo

³ The Umunna which translates literally as ‘Kindred’ is a group of people that descended from the lineage of same father but not of same mother. Umunna is used therefore to express more distant relationship of the clan which is usually from the father-side, ‘nna’ of the family.

⁴ I write about women who try very hard to hold their family together until it becomes absolutely impossible. I have no sympathy for a woman who deserts her children, neither do I have sympathy for a woman who insists on staying in a marriage with a brute of a man, simply to be respectable.

casada, seu marido é um bruto, preocupado com qualquer coisa que não seja cuidar dos filhos, restando, para ela sozinha, a missão quase impossível de cuidar e manter sua família unida.

Num espaço descentrado e instável culturalmente, na fronteira em que vive, a vida dos povos locais, particularmente a vida das mulheres, **é submetida a um** duplo e intenso processo de mercantilização orientado, conforme Ashis Nandy (apud OYÉWÙMI, 1997, p. 121, tradução própria), por “uma visão de mundo que acredita na superioridade absoluta do humano sobre o não-humano e o subumano, o masculino sobre o feminino... e o moderno ou progressivo sobre o tradicional ou o selvagem”⁵. No caso específico dos corpos femininos, como explica Oyèwùmí (1997), ao transformar o território da atual Nigéria em um Estado-Nação moderno, o colonialismo britânico transforma também anafêmeas, cujos corpos não estavam atravessados pela lógica ocidental de gênero, binária e objetificante, em mulheres. Mulheres, portanto, para a pesquisadora nigeriana, seriam corpos codificados a partir da lógica colonial patriarcal e misógina – mulher, assim, é o que Nnu Ego se torna em Lagos, onde passa a viver quando se casa novamente.

Ainda conforme Oyèwùmí (1997), no processo de conversão do território da atual Nigéria em um estado nação pelo imperialismo britânico, incluindo-se o fator gênero, utilizou-se quatro categorias hierarquizantes: o homem europeu da cultura hegemônica bem como a mulher europeia; o homem nativo e a mulher nativa. A mulher nativa, portanto, é submetida à dominação colonial europeia e, num segundo nível, à dominação de tradições indígenas imposta por homens africanos nativos, o que resulta na “exclusão das mulheres da recém-criada esfera pública colonial”⁶ (Oyèwùmí, 1997, p. 123), através da redução de suas funções e representações na cultura que emerge do contato. Dessa maneira, no contexto colonial, a maternidade **é um** dos poucos papéis sociais acessíveis à mulher, funcionando como tecnologia de dominação de um **gênero** pelo outro.

Sendo assim, pode-se dizer que o processo de conversão do território da atual Nigéria em Estado-Nação é responsável também pela imposição de uma nova gramática social, um biopoder, que transforma corpos femininos não marcados pela gramática de gênero ocidental em corpos femininos com funções preestabelecidas dentro do sistema colonial capitalista, eurocêntrico, patriarcal e racista, instaurando uma outra economia de gêneros. Embora o romance indicie a existência de uma ordem que privilegiava o homem em sua cultura original, as opressões que atuam sobre a personagem são amplificadas em Lagos. Refletindo sobre seu livro, Emecheta (1988, p. 178, tradução própria) diz:

⁵ “a world view which believes in the absolute superiority of the human over the nonhuman and the subhuman, the masculine over the feminine..., and the modern or progressive over the traditional or the savage.”

⁶ exclusion of women from the newly created colonial public sphere.

No meu livro *As Alegrias da Maternidade* descrevo uma família em que as mulheres entraram em greve e recusaram-se a aceitar o dinheiro do sustento da casa, porque sabiam que o marido bebia a maior parte do seu rendimento. Também descrevo a vida de outra mulher [Nnu Ego] que estava tão ocupada sendo uma boa mãe e esposa que não cultivava suas amigas. Ela morreu à beira da estrada, faminta e sozinha. No mesmo livro descrevo como ela ficou com ciúmes quando o marido trouxe para casa uma nova esposa. Em vez de dormir na primeira noite, ela ficou acordada ouvindo o barulho feito pelo marido e pela nova esposa durante o ato sexual. Ela soube apenas alguns dias depois que seria melhor e para vantagem mútua se ela e a nova esposa se tornassem amigas, em vez de brigar por causa do marido comum. Eles logo ficaram tão ocupados com sua vida cotidiana que a sexualidade foi colocada em segundo plano⁷.

Emecheta capta vividamente a dinâmica complexa dentro das famílias de migrantes Ibos em Lagos, revelando o soterramento da protagonista pela maternidade. A passagem citada revela as duras consequências das normas sociais e das escolhas impostas à Nnu Ego, fazendo-a negligenciar seu próprio bem-estar, suas amizades, bem como as redes de solidariedade entre mulheres existentes em sua cultura poligâmica. Em última análise, para Emecheta, a história destaca o poder transformador da amizade e da colaboração, sugerindo que a unidade entre as mulheres, em sociedades poligâmicas, pode levar ao crescimento pessoal e a uma redefinição de prioridades de valores para além das restrições dos papéis tradicionais de gênero, como será discutido na próxima seção.

A mãe da mãe: economia de gêneros em Ibuza e Lagos

A obra ficcional de Emecheta nos apresenta uma intensa mudança na economia de gêneros da Nigéria, evidenciada, particularmente, no capítulo dois – *A mãe da mãe*⁸ –, no qual a escritora explora as origens da personagem principal Nnu Ego. Seu pai, Nwokocha Agbadi, era um importante chefe local, um grande guerreiro, loquaz, com talento para a oratória, bonito e mais alto que a maioria. Como outros, Agbadi tinha muitas mulheres; escolhidas por sua beleza, sua origem e riqueza, mas também pela autoconfiança, pela segurança que possuíam e pelo atrevimento. Agbadi gostava de mulheres atrevidas e impetuosas:

⁷ In my book *Joys of Motherhood* I describe a family in which the women went on strike and refused to take the house keeping money, because they knew that the husband was drinking the greater part of his income. I also describe a life of another woman who was so busy being a good mother and wife that she didn't cultivate her women friends. She died by the wayside, hungry and alone. In the same book I describe how jealous she was, when her husband brought home a new wife. Instead of going to sleep on the first night she stayed awake listening to the noise made by her husband and the new wife in love-making. She learned only a few days later that it would be better and to their mutual advantage, if she and the new wife became friends, rather than quarrel over their shared husband. They soon became so busy in their everyday life that sexuality was pushed into the background.

⁸ The mother's mother.

Considerar uma mulher sossegada e tímida como desejável foi uma coisa que só surgiu mais tarde, depois do tempo dele, com o cristianismo e outras modificações. A maioria das mulheres que Nwokocha Agbadi escolhia para esposas, e mesmo suas escravas, eram as capazes de confrontar a arrogância de Agbadi, seu cáustico sarcasmo, suas brincadeiras ofensivas e mesmo, quando era esse seu estado de espírito, sua ternura humana (Emecheta, 2018, n.p, grifo próprio).

De forma explícita, portanto, Emecheta reconhece que o processo de colonização foi responsável também pela modificação dos padrões relacionais da cultura local, alterando as expectativas dos anamachos em relação às anafêmeas, reposicionando o desejo de indivíduos de Ibuza. Além de expectativas tradicionais, com a colonização, passou-se a exigir dos corpos femininos, também, uma docilidade e uma subserviência que não eram esperados anteriormente. Assim, ainda seguindo Oyéwùní (1997), com a colonização, enquanto os anamachos recebem uma espécie de *upgrade*, as anafêmeas, com a imposição do cristianismo e outras lógicas, perdem espaços e são reduzidas a uma posição de *secondness*, que pode ser definida como um modo de ser que só existe em relação a outro ser. Nessa nova posição, os corpos das anafêmeas são reduzidos à maternidade e devem se expressar apenas através da docilidade e da subserviência. Emecheta ilustra essa mudança, esse processo de conversão de anafêmeas em mulheres, demonstrando, simbolicamente, que o efeito principal dessa alteração recai sobre o corpo feminino, sobre o corpo da mulher negra que, no novo contexto cultural, é submetido a um duplo processo de opressão.

A experiência de Ona, a mãe de Nnu Egu, ilustra muito bem o que tentei argumentar acima, já que a personagem pode ser lida enquanto experiência de anafeminilidade. No romance, Ona é descrita como uma mulher jovem e bonita, que unia, simultaneamente, teimosia e arrogância. De tão teimosa, “recusou-se a casar-se com Agbadi”⁹ (Emecheta, 2018, p. 12), recusou-se a deixar-se seduzir por sua beleza, por sua riqueza e por seu nome. Acostumada a caminhar entre arbustos, Ona sabia desviar dos espinhos; caminhava na ponta dos pés, quase que levitando, evitando colocar o peso do corpo no chão: “Quando caminhava, as caras contas em sua cintura, feitas do melhor coral, murmuravam, e para os homens criados naquela cultura, que sabiam o som de cada conta, isso aumentava a sua sedução”¹⁰ (Emecheta, p. 12, tradução própria). Sempre de cabeça erguida, ao correr, Ona sustentava os peitos nus com as mãos; ela preferia não os cobrir com suas napas e adereços. Elegante, ativa, seus gestos possuíam estilo: ela tinha os movimentos de

⁹ She refused to live with Agbadi.

¹⁰ When she walked, her expensive waist-beads, made of the best coral, murmured and for men raised in that culture, who knew the sound of each bead, this added to her allurements.

uma gata misteriosa e excitante. Ona podia ter quantos amantes quisesse; sua obrigação era deixar que os filhos que eventualmente tivesse fossem cuidados por seu próprio pai, o avô das crianças. Embora seu comportamento não fosse padrão em Ibuza, havendo, na narrativa, outras possibilidades de identificação para as anafê-meas, sua experiência revela que, tampouco, suas escolhas e decisões limitavam sua participação e interação social. Ona era, ao mesmo tempo, livre e respeitada.

Nnu Ego, sua filha, ocupa uma posição absolutamente diferente que se revela na forma como ela interage com o espaço. Nas primeiras linhas do romance, a personagem “recua e sai do quarto, “com olhos perdidos e vidrados, olhando o vazio. Seus pés eram leves e ela caminhava como se em transe, não consciente de usar os pés.”¹¹ (Emecheta, p. 8, tradução própria). Diferentemente de sua mãe, que caminha pelo território ancestral de seu povo e cultura, o espaço ocupado por Nnu Ego é outro: “O ano era 1934 e o lugar era Lagos, então uma colônia britânica. O conjunto habitacional Yabá, um pouco distante da ilha, tinha sido construído por britânicos e para britânicos, embora muitos africanos, como o marido de Nnu Ego, trabalhassem lá como serviçais e empregados domésticos; alguns negros estrangeiros, em cargos desimportantes, viviam em algumas das casas modestas do conjunto. Desde então Lagos estava crescendo rapidamente e se tornaria, brevemente, a capital de um país recém-formado chamado Nígeria.”¹² (Emecheta, p. 8, tradução própria). Desterritorializada, Nnu Ego não está conectada com o espaço. Seu corpo, portanto, se transforma em repositório dessa experiência de desterro que atravessa toda a sua história. Sua incompatibilidade com o lugar é reforçada em outros momentos em que é descrita: suas vestimentas eram muito puídas e seu cabelo é muito desarrumado para ficar descoberto. Nesse contexto hostil, distante e incompatível com a lógica desse novo lugar, sua experiência é artificializada e só encontra sentido na maternidade, o que seria capaz de transformá-la em uma mulher completa; a maternidade compulsória é o que liga sua cultura ancestral e esse novo território. Nele, no entanto, suas vivências são reduzidas ao exercício da maternagem, que justifica sua existência, e à subserviência ao marido, fatos que produzem uma apatia crônica pela vida.

A condição da mulher produzida pela colonialidade, representada por Nnu Ego, é melhor compreendida quando pensamos sobre a explicação da narrativa para a origem da personagem. Para tanto, precisamos retornar à história de sua mãe. Um dia, sabendo que Agbadi havia sofrido um acidente, Ona decide

11 backed out the room, her eyes unfocused and glazed, looking into vacancy. Her feet were light and she walked as if in a daze, not conscious of using those feet.

12 The year was 1934 and the place was Lagos, then a British colony. The Yaba housing estate, a little distance from the island, had been built by the British for the British, though many Africans like Nnu Ego's husband worked there as servants and houseboys; a few foreign blacks who were junior clerks lived in some of the modest estate houses. Even then Lagos was growing fast and would soon be the capital of a newly formed country called Nigeria.

cuidar do amante até que ele se recupere. Com seu homem quase restaurado, os dois vivem uma tórrida noite de sexo no *compound* onde Agbadi vivia com suas esposas e filhos. Depois da noite abrasadora, a esposa mais velha de Agbadi adoece e morre. Era costume da comunidade enterrar, junto com o corpo feminino, todos os seus objetos pessoais, dentre os quais pessoas escravizadas. No entanto, a serva de Aguna, primeira esposa de Agbadi, recusou-se a ser enterrada com ela. Golpeada na cabeça, antes de falecer, a mulher escravizada disse: “Eu voltarei para sua casa, mas como uma filha legítima. Eu voltarei...”¹³ (Emecheta, p. 23, tradução própria). No mesmo instante, Ona começa a evidenciar sintomas de adoecimento. Rapidamente, Agbadi percebe que Ona não estava doente. Ela estava grávida. Depois de alguns meses, Ona dá à luz a Nnu Egu. Ela era a alegria de seus pais. Uma criança linda, com a pele das mulheres da região de Aboh e Itsekiri, região de onde vinha a serva de Aguna. Já no seu nascimento, percebeu-se um caroço em sua cabeça. Um dia, Nnu Egu teve uma estranha cefaleia, tão forte que a fez encolher os ombros. Ona avisou a Agbadi que veio imediatamente com um *dibia*, um indivíduo com poderes de comunicação com o mundo espiritual que, ao entrar em transe, atesta que Nnu Ego era a reencarnação da mulher escravizada; o caroço em sua cabeça era a marca da pancada que a matou e permitiu o seu sepultamento junto com sua senhora.

Nnu Ego, no caso, oriunda de uma cultura autóctone da região, nasce não como anafênea, mas como mulher: seu corpo está marcado pelas opressões de gênero. Ela é, portanto, um corpo-esposa, um corpo-mãe, um corpo que registra, como um documento, memórias, valores e, simultaneamente, embates como um lugar fraturado pelo processo de violência, intensificado por sua mudança para Lagos. Diferentemente das anafêneas de seu povo, Nnu Ego não mais podia contar com os benefícios dos arranjos poligâmicos de sua cultura. Longe de ser um problema, a experiência da poligamia, para Emecheta, em *Feminism with a small f* (1988), era/é, para as mulheres originárias de sua cultura, uma importante forma de liberação de tempo e fortalecimento coletivo, já que, dentro de arranjos poligâmicos, podiam e podem criar formas de empoderamento feminino, criar os filhos coletivamente e dedicar tempo livre ao estabelecimento de relações com outras mulheres, o que Emecheta chama de *sisterhood*. Para Oyéwùmí (1997, p. 41, tradução própria), embora não pense exatamente sobre a cultura Ibo, mas sobre os arranjos poligâmicos da cultura Iorubá, o interesse no bem estar dos filhos era o que justificava os casamentos poligâmicos e a própria existência humana, sendo a economia de gêneros, o termo pai e mãe, por exemplo, compreendido de formas muito distintas:

¹³ I shall come back to your household, but as a legitimate daughter. I shall come back...

Ìya e *bàbá* podem ser glosados como as categorias “mãe” e “pai”, respectivamente, e para falantes de inglês eles podem parecer categorias de gênero. Mas a questão é mais complicada. O conceito de paternidade está intimamente ligado à idade adulta. Espera-se que pessoas de uma certa idade tenham tido filhos porque a procriação é considerada a razão de ser da existência humana. É assim que as coisas são e devem ser para que o grupo sobreviva. [...] Ao contrário dos conceitos ingleses de mãe e pai, *bàbá* e *Ìya* não são apenas categorias de parentalidade. São também categorias da idade adulta, pois também são utilizadas para se referir aos idosos em geral. Mais importante ainda, eles não são binariamente opostos e não são construídos em relação uns aos outros¹⁴.

De outro modo, ao deixar Iboza e migrar para Lagos, Nnu Ego deixa a condição de *Ìya* e torna-se mãe, categoria definida a partir de uma lógica individualista, binária, patriarcal. No contexto colonial, alçada a condição de mulher e indivíduo, Nnu Ego perde a possibilidade de construir redes de apoio que a permitam exercer a maternagem de formas menos vulneráveis à violência e menos opressivas. Em Lagos, submetida a condições de vida extremamente precárias, quase sozinha, Nnu Ego educa os filhos, doando-se completamente a esta tarefa, vive em função desse torna-se mulher completa que nunca chega. Há sempre a necessidade de atender novas e infinitas demandas. Dessa forma, a narrativa escancara o pesado fardo que a maternidade implica na vida dessa mulher. Roubada de si mesmo pela imposição da condição de mulher, forçada a doar tudo de si, até o que não possui, para atender expectativas irreais, Nnu Ego vive permanentemente exausta, numa luta infinita para conseguir chegar a ser a mãe ideal.

Considerações finais

Em seu movimento entre/através de culturas, de uma pequena comunidade rural Igbo para uma Lagos Iorubá, fortemente modelada por valores coloniais britânicos, a protagonista do romance, Nnu-Egu, isolada, perde suas possibilidades de subversão das lógicas opressivas que atuam sobre seu corpo. Partindo desde apontamento, infere-se, com o pensamento de Beatriz Nascimento (2018), que o corpo da protagonista se transforma em um documento, que registra memórias, valores ancestrais e, simultaneamente, embates com um lugar fraturado pela violência colonial, daí sua desconexão com o próprio corpo e também com o lugar que ocupa no mundo.

¹⁴ *Ìya* and *bàbá* can be glossed as the English categories “mother” and “father,” respectively, and to English speakers they may appear to be gender categories. But the issue is more complicated. The concept of parenthood is closely intertwined with adulthood. It is expected that people of a certain age have had children because procreation is considered the *raison d’être* of human existence. It is the way things are and have to be for the group to survive. [...] Unlike the English concepts of mother and father, *bàbá* and *Ìya* are not just categories of parenthood. They are also categories of adulthood, since they are also used to refer to older people in general. More importantly, they are not binarily opposed and are not constructed in relation to each other.

Dessa maneira, no romance, Emecheta demonstra como Nnu Egu, por um lado, tem roubado de si a rede de apoio, construída na e através da estruturação poligâmica de sua cultura, ordenada de forma comunal, e é, por outro lado, lançada numa rede simbólica colonial, feita para submetê-la. No novo contexto, em Lagos, sua subjugação e exploração são condições essenciais para a produção do lucro, bem como para a manutenção e desenvolvimento do sistema de produção capitalista vigente. A personagem é explorada não somente pelo sistema capitalista que organizava a lógica do país que emergia – a Nigéria, mas também pelo próprio marido e por seus filhos, homens, no caso, para quem transfere a própria pulsão de vida. Espremida entre culturas, naquilo que Roland Walter (2003) conceitua como *in-betweenness*, a personagem Nnu Ego pode ser entendida, também, enquanto habitante da fronteira. Para Gloria Anzaldúa (1987, n. p.), no prefácio de seu livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, se está em fronteira quando “duas ou mais culturas se enfrentam, quando pessoas de diferentes raças ocupam o mesmo território, quando os pobres, a classe média e a classe alta se encaram, quando o espaço entre duas pessoas encolhe com intimidade”, deixando evidente aquilo que podemos pensar como sendo o Eu e o Outro e os valores que usamos para pensar e nos relacionar com as nossas alteridades.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. E. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. São Francisco: Aunt Lute, 1987.

BORDINGNON, Danielle Massulo. **A Imposição da Maternidade como Violência em “The Joys of Motherhood”, de Buchi Emecheta**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

EMECHETA, Buchi. “Feminism with a Small ‘f!’”. In: Kirsten H. Petersen (ed.), **Criticism and Ideology: Second African Writer’s Conference**, Stockholm 1988, Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, pp. 173-181.

EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. England; Wales: Heinemann, 2008.

EMECHETA, Buchi. **As Alegrias da Maternidade**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. Transcrição do Documentário Orí. In: NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. 1 ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 326-340.

OKOLI, Izuchukwu Kizito. The Umunna Ontology in Igbo Worldview and Its Dwindling Fortune in Recent Times. **Ohazurume: Unizik Journal of Culture and Civilization**, Akawa, vol. 1, p. 75-84, 2022. Disponível em: <https://acjol.org/index.php/ohazurume/article/view/2634>.

OYÉWÙMÍ, OYÈRÓNKÉ. **The Invention of Women: Making of African Sense of Western Gender Discourses**. London: University of Minnesota Press, 1997.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

WALTER, Roland. **Narrative Identities: (Inter)Cultural In-Betweenness in the Americas**. Bern: Peter Lang, 2003.